

Pilatos

CÓDIGO: 021048
 TEXTO: Jo 18.28-

SÉRIE: QUEM É JESUS?

19.16

PRELETOR: Fernando Leite
 MENSAGEM 48
 DATA: 26 / 04 / 98

Vamos ao texto:

Em seguida, de Caifás os judeus levaram Jesus para o palácio do governador romano. Já estava amanhecendo e, para evitar contaminação cerimonial, os judeus não entraram no palácio; pois queriam participar da Páscoa. Então Pilatos saiu até eles e perguntou: “Que acusação vocês têm contra este homem?”

Responderam eles: “Se ele não fosse criminoso, não o teríamos entregado a ti”.

Pilatos disse: “Levem-no e julguem-no conforme a lei de vocês”.

Mas nós não temos o direito de executar ninguém”, protestaram os judeus. Isso aconteceu para que se cumprisse as palavras que Jesus tinha dito, indicando a espécie de morte que estava para sofrer.

Pilatos então voltou para dentro do palácio, chamou a Jesus e lhe perguntou: “Você é o rei dos judeus?”

Perguntou-lhe Jesus: Esta pergunta é tua, ou outros te falaram a meu respeito?”

Respondeu Pilatos: Acaso sou judeu? Foram o seu povo e os chefes dos sacerdotes que entregaram você a mim. Que é que você fez?”

Disse Jesus: O meu reino não é deste mundo. Se fosse, os meus servos lutariam para impedir que os judeus me prendessem. Mas agora o meu reino não é daqui”.

“Então, você é rei!”, disse Pilatos.

Jesus respondeu: “Tu dizes que sou rei. De fato, por esta razão nasci e por isso vim ao mundo: para testemunhar a verdade. Todos os que são da verdade me ouvem”.

“Que é a verdade?”, perguntou Pilatos. Tendo dito isso, ele saiu novamente para onde estavam os judeus e disse: “Não acho nele motivo algum de acusação. Contudo, segundo o costume de vocês, devo libertar um prisioneiro por ocasião da Páscoa. Querem que eu solte o ‘rei dos judeus?’”

Eles, em resposta, gritaram: “Não, ele não! Queremos Barrabás!” Ora, Barrabás era um bandido.

Então Pilatos tomou a Jesus e ordenou que fosse açoitado. Os soldados teceram uma coroa de espinhos e a puseram na cabeça dele. Vestiram-no com uma capa de púrpura, e, chegando-se a ele, diziam: “Salve, rei dos judeus!” E batiam-lhe no rosto.

Mais uma vez Pilatos saiu e disse aos judeus: “Vejam, eu o estou trazendo a vocês, para que saibam que não acho nele motivo de algum de acusação”. Quando Jesus veio para fora, usando a coroa de espinhos e a capa de púrpura, disse-lhes Pilatos: “Eis o homem!” Ao vê-lo, os chefes dos sacerdotes e os guardas gritaram: “Crucifica-o! Crucifica-o!”

Mas Pilatos respondeu: “Levem-no vocês e crucifiquem-no. Quanto a mim, não encontro base para acusá-lo”.

Os judeus insistiram: “Temos uma lei e, de acordo com essa lei, ele deve morrer, porque se declarou Filho de Deus”.

Ao ouvir isso Pilatos ficou ainda mais amedrontado e voltou para dentro do palácio. Então perguntou a Jesus: “De onde você vem?”, mas Jesus não lhe deu resposta. “Você se nega a falar comigo?”, disse Pilatos. “Não sabe que eu tenho autoridade para libertá-lo e para crucificá-lo?”

Jesus respondeu: “Não terias nenhuma autoridade sobre mim, se esta não te fosse dada de cima. Por isso, aquele que me entregou a ti é culpado de um pecado maior”.

Dai em diante Pilatos procurou libertar Jesus, mas o judeus gritavam: “Se deixares esse homem livre, não és amigo de César. Quem se diz rei opõe-se a César”.

Ao ouvir isso, Pilatos trouxe Jesus para fora e sentou-se na cadeira de juiz, num lugar conhecido como Pavimento de Pedra(que em aramaico é Gábata). Era o Dia da Preparação da semana da Páscoa, por volta da hora sexta.

“Eis o rei de vocês”, disse Pilatos aos judeus.

Mas eles gritaram: “Mata! Mata! Crucifica-o!”

Devo crucificar o rei de vocês?” perguntou Pilatos.

“Não temos rei, senão César”, responderam os chefes dos sacerdotes. Finalmente Pilatos o entregou a eles para ser crucificado.

Use esse tempo para orar, antes de começar a ler o restante:

Bondoso Deus, Te agradeço pela Tua Palavra, pelo registro nela do julgamento do Teu próprio Filho. Quero nesta hora, entender um pouco mais dos Teus propósitos naquilo pelo que Teu Filho passou. O que posso aprender sobre as condutas ali envolvidas? Ajuda-me a aprender. Em nome de Jesus. Amém.

Eu tenho um certo medo do dia de amanhã. Amanhã é o dia em que tenho de ir de Cesaréia à Jerusalém. Prefiro ficar aqui em Cesaréia. O clima aqui é mais fresco, mais agradável. Os prédios aqui são mais modernos. Acima de tudo, a grande diferença entre aqui e Jerusalém é que aqui é mais tranquilo. O ambiente e o próprio povo é pacífico.

Cláudia, minha esposa, esse ano não vai comigo. Não gostaria de forma alguma de ir à Jerusalém sozinho, mas dessa vez, vou ter de ir. Esses dias nos temos um feriado judaico. Amanhã é o ápice desse feriado e eu tenho que estar lá.

Meu nome é Pilatos. Sou governador romano dessa região da Cesaréia e isso significa que eu sou o representante romano em toda essa região. Tenho algumas responsabilidades aqui. Eu devo recolher os impostos, preservar a administração romana e manter esse povo em ordem, não permitindo que eles se rebelem contra a autoridade romana.

Esse território que temos por aqui não é muito grande, mas a função que eu exerço aqui é muito importante para o Império Romano. Esse meu posto pode não ser grande coisa, mas é o tipo do cargo que abre as portas para chegarmos em outras posições. Nessa posição de governador romano nessa região tenho a expectativa de que, conseguindo fazer meu serviço a contento de modo que seja apreciado pelo Imperador, em alguns anos posso vir a ser senador em Roma.

Para dizer bem a verdade, se eu pudesse, não teria vindo aqui. Estou aqui por algumas circunstâncias. Já tive algumas alegrias aqui, mas se pudesse ter evitado minha vinda, teria evitado. Há oito anos, vim para cá e meu relacionamento com esses judeus tem sido sempre difícil. Eles são muito obstinados. Suas idéias religiosas são muito complexas, por isso meu relacionamento com eles está marcado por muitas dificuldades.

Lembro-me do primeiro anos que estava aqui. Certa vez, estava voltando para Cesaréia e resolvi comunicar para os judeus o seguinte:

- Está chegando a autoridade romana. Quero que vocês saibam quem é que manda aqui!

Então, preparei alguns estandartes, que tinham a figura do Imperador e mandei-os para Jerusalém. Para que aquele povinho soubesse quem estava chegando.

Mas eles... Ah... Eles não suportaram esse tipo de coisa. Um grupo enfurecido de judeus saiu de Jerusalém, vieram até Cesaréia, cercaram meu palácio e durante cinco dias ficaram gritando terrivelmente contra mim, contra Roma e o Imperador. No sexto dia, sem agüentar mais aquela gritaria, resolvi recebê-los.

Quando eles entraram, nem pediram, mandaram que eu tirasse aqueles estandartes com a imagem do Imperador de Jerusalém. Eles exigiram:

- Se você não tirar aquilo de Jerusalém, pode fazer o que lhe aprouver - rasgando suas vestes - pode até cortar nossos pescoços, mas não sairemos deste lugar.

Que é que eu fiz? Não tinha escolha... Removi os estandartes de lá.

Mas parece que até mesmo quando tento fazer algo que me parece bom para eles próprios, eles se rebelam! Lembro-me quando há alguns anos construí um aqueduto para eles. O aqueduto trazia água de fora de Jerusalém. Reduzi muito o trabalho deles. Era óbvio que ao estar promovendo um benefício para eles que eles participassem de alguma forma da obra. Por isso, mandei alguns homens pegarem algumas coisas do templo deles, para pagar parte da obra. Você não imagina o que eles fizeram! Começaram a protestar tremendamente! Faziam piquetes e gritaria o tempo inteiro. Meu único recurso foi mandar alguns soldados disfarçados se meterem no meio deles e na confusão instalada, meus homens deveriam descer a paulada neles. Por fim, fizeram um protesto a Roma e para minha sorte, o protesto caiu na mão do homem responsável por eu estar aqui.

Cejanus, ocupava a posição de auxiliar do Imperador Tibério. Embora fosse apenas auxiliar, é bem verdade que ele fazia tudo no Império. Tibério tinha se estabelecido como aposentado. Foi para a ilha de Capri e vivia sua vida sem nenhuma responsabilidade sobre o Império. Cejanus comandava tudo!

Treês anos atrás, Tibério soube que havia uma conspiração em Roma que o derrubaria para fazer de Cejanus o Imperador. Naquela ocasião, Cejanus, meu melhor amigo, que me conseguiu essa “boca rica” de governador dessa região teve seu pescoço cortado.

Desde então, Tibério reassumiu o poder e o controle do Império. Ainda hoje ele mantém, todas as pessoas que tinham algum relacionamento com Cejanus como pessoas suspeitas. Eu mesmo tenho me sentido vigiado por várias pessoas ao meu redor. Tibério está atento ao menor sinal de revolta que possa haver dos antigos amigos de Cejanus.

Considerando estas coisas, há dois anos eu preparei alguma coisa que realmente deixaria Tibério contente. Mandei fazer uns estandartes, uns grandes cartazes, em que estava escrito: *Em honra ao divino Tibério*. E olha, nem cheguei perto de Jerusalém. Coloquei os estandartes em meu próprio palácio, aqui mesmo em Cesaréia. Você não imagina o que aconteceu...

Os judeus começaram a reclamar e protestar. Eu não tinha o que fazer. Eles acabaram protestando junto à Roma. Para completar a história, recebi uma carta de Tibério informando:

Tira aqueles escudos para baixo. Pare de atormentar esses judeus. Mantenha as tradições deles. Honre os seus costumes sempre que puder.

Desde então tenho vivido na expectativa de preservar os costumes e desejos desses judeus, e ao mesmo tempo, não quero criar encrencas com o próprio Tibério.

Ainda tenho um bom cargo e um título: *Amigo de César*. Essa é uma designação oficial muito importante. Se porventura, eu vier a perder esse título, significa que carreira política está encerrada. Ou, pior ainda... Posso estar morto! Em função de tudo isso, meu alvo é não me antagonizar com esses judeus nem tão pouco criar dificuldades

que façam César se manifestar contra qualquer atitude minha. Tenho mantido, ou pelo menos tentado manter, as coisas num relacionamento mais fácil possível.

Meu maior problema mesmo foi no ano passado! Deixe-me dizer o que aconteceu. Fui para Jerusalém mais ou menos nessa mesma época: era véspera da Páscoa. Justamente na noite anterior aquela Páscoa, estávamos sentados, minha esposa e eu conversando no cenáculo, quando uma pessoa chegou me informando de que Caifás queria falar comigo. Caifás é o Sumo sacerdote aqui, ou seja, é o líder dos judeus nessa região. Não somos amigos. Temos o relacionamento na base de: em que posso ajudá-lo e em que ele pode me ajudar. Não quero criar situações difíceis para ele. Também não é vantagem nenhuma para ele criar situações difíceis comigo. Pois ele sabe que se fizer alguma coisa em desacordo por aqui, o exército romano vem e esmaga essa nação! Temos alguns interesses entre nós.

Já era tarde. Por volta de dez ou onze da noite, mas desci para conversar com ele. Ele me disse o seguinte:

- Há uma pessoa quem tem atrapalhado nossos planos aqui. De certa forma, também é uma ameaça à proposta romana na região. Esse homem é muito perigoso politicamente. Ele deve ser aprisionado, julgado e condenado antes da Páscoa para que a Páscoa não seja contaminada com a presença dele, nem com as coisas que devem ser feitas com ele. Há alguma possibilidade de você apressar essas coisas? Nós já tivemos dificuldades anteriormente para prender este homem. Será que você não poderia mandar com nossos guardas um efetivo militar para nos ajudar a prendê-lo?

Na verdade ele queria saber se eu estava disposto a aceitar uma decisão da corte judaica de uma forma rápida. Normalmente essa função de julgar as pessoas compete a mim. Principalmente, quando envolve a idéia de pena de morte. Por outro lado, em termos políticos, era uma grande oportunidade de demonstrar para o próprio Caifás que eu estava disposto a honrar os seus costumes, respeitar os seus propósitos e suas leis. Naquela hora mesma lhe dei minha palavra:

- Conte com isso! Vou ajudá-lo - Mandei um contingente de soldados com ele.

Ele foi embora e eu entrei. Minha esposa, Cláudia, ainda estava acordada e perguntou:

- O que aconteceu? - Eu respondi:

- Era Caifás quem estava comigo - Ela quis saber:

- O que ele queria?

- Ele disse que tem um camarada ai que está sendo inadequado politicamente, e que oferece riscos tanto para ele como para Roma e ele me perguntou se eu poderia fazer alguma coisa para apressar o processo de condenação desse homem.

- Qual o nome desse homem?

- Ah... Não sei bem... Talvez algo como Jêsus ou Jesus? É Jesus, é isso aí...

- Eu conheço. Já o vi algumas vezes na cidade em vários lugares diferentes ensinando grupos diferentes sobre a palavra de Deus. Um dos nosso criados, inclusive, frequenta algumas das reuniões em que ele tem ensinado. Não vejo razão nenhuma para se preocupar com a pessoa dele! Parece inofensivo.

Quando ela falou aquilo, pensei: “Pode ser que nos últimos dias ele tenha feito alguma coisa que criou uma situação difícil que justifique a reação de Caifás”. Mas depois, eu mesmo me lembrei de uma conversa que escutei no palácio, em que se dizia que dias antes alguns soldados perceberam um movimento de pessoas muito grande de pessoas entrando em Jerusalém cercando uma pessoa montada num jumento. Aquele era o tal de Jesus.

Os soldados foram até lá e perceberam que se tratava de peregrinos de outros lugares. Os soldados não eram de Jerusalém, nem

entendiam quase nada de hebraico. Eles escutaram uns grito que diziam:

- Hosana! Hosana!

Mas sem saber o que significava, percebendo também que não havia nenhum tumulto, só ficaram olhando de longe depois foram embora porque não tinham visto nenhum tipo de incitação da multidão. Concluíram que se tratava de um homem bastante popular entre os que vinham para a festa, mas não acharam que fosse algo que merecia maiores cuidados.

Cláudia, minha esposa, ainda estava intrigada com o que estava acontecendo. Mas eu simplesmente soltei:

- Não sei...

No dia seguinte, bem cedinho saí para trabalhar e já sabia que a prisão havia acontecido. Fui direto para o Pretório, o lugar onde eram feitos os julgamentos. Estava ali sentado com Flávio, meu secretário, conversando sobre os últimos acontecimentos, quando chegou-me às mãos uma nota de minha esposa que dizia:

Não se envolva com este homem chamado Jesus! Fui tremendamente perturbada nesta noite. Tive muitos pesadelos com este homem. Não se envolva com ele.

Aquilo me surpreendeu, pois uma das características de minha esposa é que ela é bastante estável. Ela não é sugestionável, ou seja, não se impressiona com qualquer coisa. Em função de sua reação, tomei a decisão de avaliar um pouco mais delicada e detalhadamente o que estava acontecendo.

Logo mais, chegaram eles com o prisioneiro. Fui me encontrar com eles. Quando saí, já lhes perguntei:

- Quais as acusações que vocês trazem contra este homem?

Eles perceberam que minha pergunta se caracterizava por formalidade jurídica. Não apreciaram nem um pouco aquilo. Antes ficaram ressentidos porque sabiam de minha conversa com Caifás. Afinal, nós tínhamos combinado tudo antes.

Alguém do meio deles, disse:

- Se ele não fosse um malfetor, não o teríamos trazido aqui!

Eles queriam dizer: “Cala a boca! Não complica. Nós já tratamos isso. Coloca apenas seu carimbo, seu selo aí e está tudo em ordem!” Mas eu retruquei:

- Se o homem é malfetor, levem-no e julguem vocês mesmos.

Eles souberam claramente que eu queria ouvir as acusações contra aquele homem. Eles começaram a gritar:

- Ele está desviando o povo! Agitando a nação se auto proclamando rei.

Quando eu ouvi aquilo... Ah...

Durante todo o processo eu estava olhando para aquele homem e observando as suas reações. Em todo o tempo ele estava quieto. Calado. Não se alterou em nenhum instante. Mesmo diante de todas aquelas acusações e burburinho. Se ele se diz ser rei... Isso era uma acusação grave! Ninguém pode ser rei além de César! Se alguém se diz rei precisa ser considerado como tal. Decidi levá-lo para uma sala e lhe perguntar:

- Você está ouvindo essas acusações? Tem alguma coisa a dizer sobre elas? - Ele ficou absolutamente calado. Não disse nada.

Novamente perguntei-lhe:

- Você é rei? - Ele respondeu:

- Eu sou. Mas meu reino não é deste mundo. Vim para revelar a verdade a esses homens.

Ah... Verdade?!? Eu percebi que ali estava um homem que de fato não representava uma ameaça para o Império Romano. Vi que ele era inofensivo. Talvez fosse uma pessoa iludida, pensando ser alguém especial. Mas ele não era ameaça. Por perceber a simplicidade daquela pessoa, decidi soltá-lo.

Saí com ele (Confesso que não me sentia bem diante de sua presença. Havia alguma coisa que aquele homem me transmitia.

Além disso, as palavras de minha esposa não saíam de minha mente. Eu estava desconfortável diante dele.) Fui diante do público e proclamei:

- Não encontro nenhuma falta neste homem!

Vi qual foi a reação inicial deles: ficaram veementemente irritados! Alguém gritou:

- Ele está agitando a nação desde a Galiléia!

Quis saber:

- Ele é da Galiléia?

- Sim, é da Galiléia.

Eu pensei: “A Galiléia não é minha jurisdição. Herodes é o responsável ali. Ele está na cidade”. Então mandei o prisioneiro para Herodes. Afinal, era ele quem deveria julgá-lo. Mas não passou nem uma hora. Lá estava de volta o prisioneiro com uma carta de Herodes com o seguinte teor:

Eu lhe fiz muitas perguntas, mas não obtive nenhuma resposta. Não me parece um homem perigoso. Descobri que ele nasceu em Belém. Belém não é da minha jurisdição.

Como você pode perceber, Herodes é muito artiloso! É uma raposa velha. Ele percebeu que a decisão sobre aquele homem era uma batata muito quente, e não queria ficar com ela na mão! Saí novamente, por volta de oito e trinta da manhã. Diferentemente de antes, quando só havia umas vinte pessoas, agora havia umas duzentas pessoas. Eu pensei: “Vou me oferecer para açoitá-lo e este homem e depois vou libertá-lo”. Então me voltei para o povo:

- O prisioneiro já foi examinado por mi e por Herodes. Nenhum de nós vê qualquer culpa nesse homem. Minha intenção é açoitá-lo, depois libertá-lo. - Parei por um instante, na expectativa de que eles aceitassem o que eu estava falando. Queria entender mais o que estava acontecendo... Mas, alguém da multidão gritou:

- Dá-nos Barrabás!

Na hora que ouvi aquilo, virei para Flávio e falei:

- Tá aí a resposta... Sei o que vamos fazer. Eles estão pedindo pelo costume que os governadores romanos estabeleceram nessa região de na ocasião de suas festas libertar um dos prisioneiros judeus. Por isso agora estão pedindo por Barrabás. Mas eles não sabem de quem eu estou falando. Até agora não falei de quem estou falando. Não falei o nome do prisioneiro. Só disse que o havia avaliado e julgado sem encontrar culpa. Talvez estejam pensando que estou falando de Barrabás.

Barrabás era um terrorista. Já havia conseguido influenciar uma boa parte daquela geração. Já havia matado vários soldados romanos. Também se apossou de alguns tesouros romanos e tinha alguma popularidade. Porém não tinha dúvida de que Jesus era mais popular do que ele. Muitos peregrinos vinham seguindo Jesus de várias regiões. Então me voltei para eles:

- Tenho um outro prisioneiro: Jesus! - Voltei-me outra vez para Flávio e completei - Observe.

Flávio não estava entendendo nada e quis me interromper:

- Excelência...

- Cala boca, Flávio. Preste atenção... - E outra vez perguntei a multidão - Quem vocês querem que eu solte?

Mas Flávio insistia:

- Excelência... Excelência...

- Flávio, eu sei o que estou fazendo... Quem vocês querem que eu liberte?

Neste momento, começou um murmúrio na multidão. Todos estavam falando ao mesmo tempo e discutindo, enquanto Flávio finalmente conseguiu me dizer:

- Excelência, estes que aí estão não são peregrinos da Galiléia. Posso olhar daqui e perceber algumas pessoas de Jerusalém. Há ali pelo menos duas pessoas comparsas de Barrabás. Este grupo tem pessoas

ligadas às autoridades de Jerusalém. Excelência, sinto que eles vão se voltar contra o Senhor.

- Vamos aguardar, Flávio.

Esperei por um pouco e pude ouvir alguns sacerdotes comentando:

- Esse galileu não é nada bom. Ele tem provocado reações do povo por toda região e se dito rei. Ele também já falou que vai destruir nosso templo. Parece que está querendo fazer uma plataforma para estabelecer algo muito maior.

Caifás, por sua vez, comentou com as pessoas à sua volta que o galileu já havia sido julgado pelo sinédrio e que havia sido condenado à morte. As pessoas que ouviram isso reagiram:

- Se foi condenado, não deve ser boa coisa...

- Se Caifás está falando isso, que podemos fazer?

Naquele momento, uma pessoa no meio da multidão gritou:

- Solte-nos Barrabás! - e a multidão em coro começou a gritar:

- Barrabás! Solte-nos Barrabás!

Eu gritei de volta:

- O que faço com o prisioneiro Jesus, vosso rei, que nenhum mal fez??

Acho que um sacerdote, que naquele momento, gritou:

- Crucifica-o!

Eu ainda perguntei:

- Que mal ele fez, para que vocês queiram que eu o crucifique?

Neste momento, Caifás chegou perto de mim e disse:

- Ele se diz rei! Se você o libertar, não é um amigo de César.

Ali eu percebi que minha posição estava ameaçada pela postura que eu assumisse naquele instante. Chamei Flávio e pedi:

- Traga-me a água!

Ele me trouxe água dizendo que eles eram os culpados e responsáveis, me declarando inocente.

Naquela noite, voltei para casa. Estava um tanto angustiado. Minha esposa me perguntou o que havia acontecido aquele dia. Eu lhe disse que havia recebido sua carta, mas não havia conseguido fazer grandes coisas. Descobri que aquele homem era da Galiléia, o enviei a Herodes, mas ele o enviou de volta. Em seguida, me ofereci para açoitá-lo e depois libertá-lo. Ainda propus que ele fosse solto no lugar de Barrabás, mas nenhum deles aceitou nada. Eu estava me esforçando para libertá-lo quando alguém me disse que se eu o libertasse me caracterizava como não mais amigo de César. Eu estava num beco sem saída. Cláudia me perguntou:

- O que você fez?

- Eu não fiz nada... Eu só deixei que o crucificassem... A escolha... A escolha foi deles... A culpa... Ah... Foi deles também. A culpa não é minha. Em nenhum momento eu quis fazer o que eles queriam fazer com ele. A culpa pelo meu entender é deles. Se eu tomasse alguma posição contra eles eu mesmo estaria numa fria. A culpa não é minha, é deles.

Naquele momento, Cláudia olhou para mim do jeito que você está me olhando agora, com um certo ar de condenação. Mas eu tenho culpa...?! Eu não me sinto culpado...

Qual a diferença do que eu fiz com o que, por exemplo, talvez você em sua atividade profissional. Talvez em uma hora que é requerido de você tomar uma posição firme. Por exemplo: Você sabe que o caminho mais fácil de seguir, e muitas vezes é a solução, é a corrupção, suborno ou uma declaração falsa. Quer funcionário, quer operário, quer profissional qualificado, quando você é solicitado a fazer alguma coisa incompatível com a verdade, honestidade e clareza, ouve o que tem a fazer e simplesmente faz o que lhe pedem. sem se quer mencionar uma posição contrária. Qual diferença entre o que eu fiz e você talvez faça?

Qual a diferença entre mim e um estudante que percebe que todas as pessoas à sua volta colam, precisa sobreviver e se destacar naquele meio, se ele não colar seu aproveitamento será menor, por consequência, será desqualificado? Se ele não colar ele padece. O sistema é assim! Ele cola por que todo mundo faz isso! Ele tem tanta culpa quanto eu, nessa situação.

Qual a diferença entre eu e um pai que recebe um pedido de seu filho para deixá-lo fazer algo que o pai sabe que não é adequado, mas o pai sabe que se disser não para seu filho ele vai ficar pedindo, reclamando e falando que nunca deixa ele fazer isso ou aquilo? Só para evitar confusão, tensão e choro, ele diz:

- Tá bom, faz o que você quer...

Eu não me sinto culpado disso. Qual a diferença entre o que eu faço e essas pessoas fazem nessa situação? Sinceramente, a minha consciência está limpa. Não me sinto acusado por nada.

Será que nos diversos campos de nossa vida estamos sendo como Pilatos, que nós condenamos? Tem muita diferença! Você pode usar qualquer tipo de desculpa para se justificar, mas se sua posição não está assumida ao lado de Jesus, por mais que você racionalize e diga que sua consciência está limpa, você responderá diante do Senhor por isso.

Aproveite o tempo agora para orar:

Bondoso Deus, É tão fácil olharmos para a história de Pilatos e o vermos como um covarde. É tão fácil o condenarmos. Certamente tinha suas razões: financeiras, profissionais ou política, pois embora soubesse que deveria lutar pela causa de Jesus, ele lavou suas mãos e não tomou uma posição ao seu lado. Por favor, Senhor, faz-me perceber quantas vezes eu faço o mesmo que ele no meu ambiente de família, trabalho e estudo. Senhor amado, que Tua graça me visite e me habilite para diferentemente de Pilatos tomar posição ao teu lado, custe o que custar. Em nome de Jesus. Amém.